Andrevânia Santos de Matos
Wagnervalter Dutra Júnior

Entre caminhos e descaminhos:

ensinar e aprender com a pedagogia histórico-crítica

Uma educação real para seres humanos reais!

370R4844

Matos, Andrevânia Santos de

Entre caminhos e descaminhos: ensinar e aprender com a pedagogia histórico-crítica / Adrevânia Santos de Matos. – Caetité, 2021

43p. : il.

Origem do produto: Dissertação de Mestrado Profissional institulado trabalho e formação humana omnilateral em espaços educativos não formais: a educação nos movimentos sociais – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS, Campus VI.

Orientador: Wagnervalter Dutra Junior

1. Formação humana. 2. Pedagogia histórico-crítica. 3. Omnilateralidade.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH-VI
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE - PPGELS

Entre caminhos e descaminhos:

ensinar e aprender com a pedagogia histórico-crítica

Andrevânia Santos de Matos
Wagnervalter Dutra Júnior

Ficha Técnica

- **Título:** Entre caminhos e descaminhos: ensinar e aprender com a pedagogia histórico-crítica

- **Origem do Produto:** Trabalho de Dissertação intitulado Trabalho e formação humana omnilateral em espaços educativos não formais: a educação nos movimentos sociais e desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS/UNEB)

- **Área do Conhecimento:** Educação

- **Público Alvo:** Mediadores em espaços educativos formais e não formais

- **Categoria deste Produto:** Plano de ensino

- **Finalidade:** Formação e orientação

- **Organização do Produto:** Andrevânia Santos de Matos e Wagnervalter Dutra Júnior

- **Registro do Produto:** Biblioteca da UNEB – Campus VI

- **Disponibilidade:** Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial à terceiros.

- **Divulgação:** Meio digital e impresso

- **Designer Gráfico e diagramação:** Eloísa Cecília Dias Martins (Maximus Designer)

- **Idioma:** Português

- **Cidade/Estado:** Caetité/Bahia

- **País:** Brasil

- **Ano:** 2021

Quem sou eu?

> Se te contradisseste e
> acusam-te... sorri.
> Pois nada houve, em
> realidade.
> Teu pensamento é que
> chegou, por si,
> Ao outro polo da
> verdade.
> (Mário Quintana)

Andrevânia Santos de Matos, natural de Botuporã-BA, filha de trabalhadores rurais, graduada em Geografia Pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) da UNEB. Desde a graduação se interessou pela pesquisa de temas relacionados à educação e ao ensino dentro do sistema capitalista de produção, enfatizando a necessidade dos espaços educativos se organizarem em busca de novas possibilidades para a superação de uma educação baseada na competitividade, dando espaço para uma educação humana, pensada e organizada para além do capital.

Sumário

10 INTRODUÇÃO

13 Por uma educação humana

21 As cartas e suas histórias

28 Pedagogia histórico-crítica: Como utilizar?

41 Considerações Finais

42 Referências

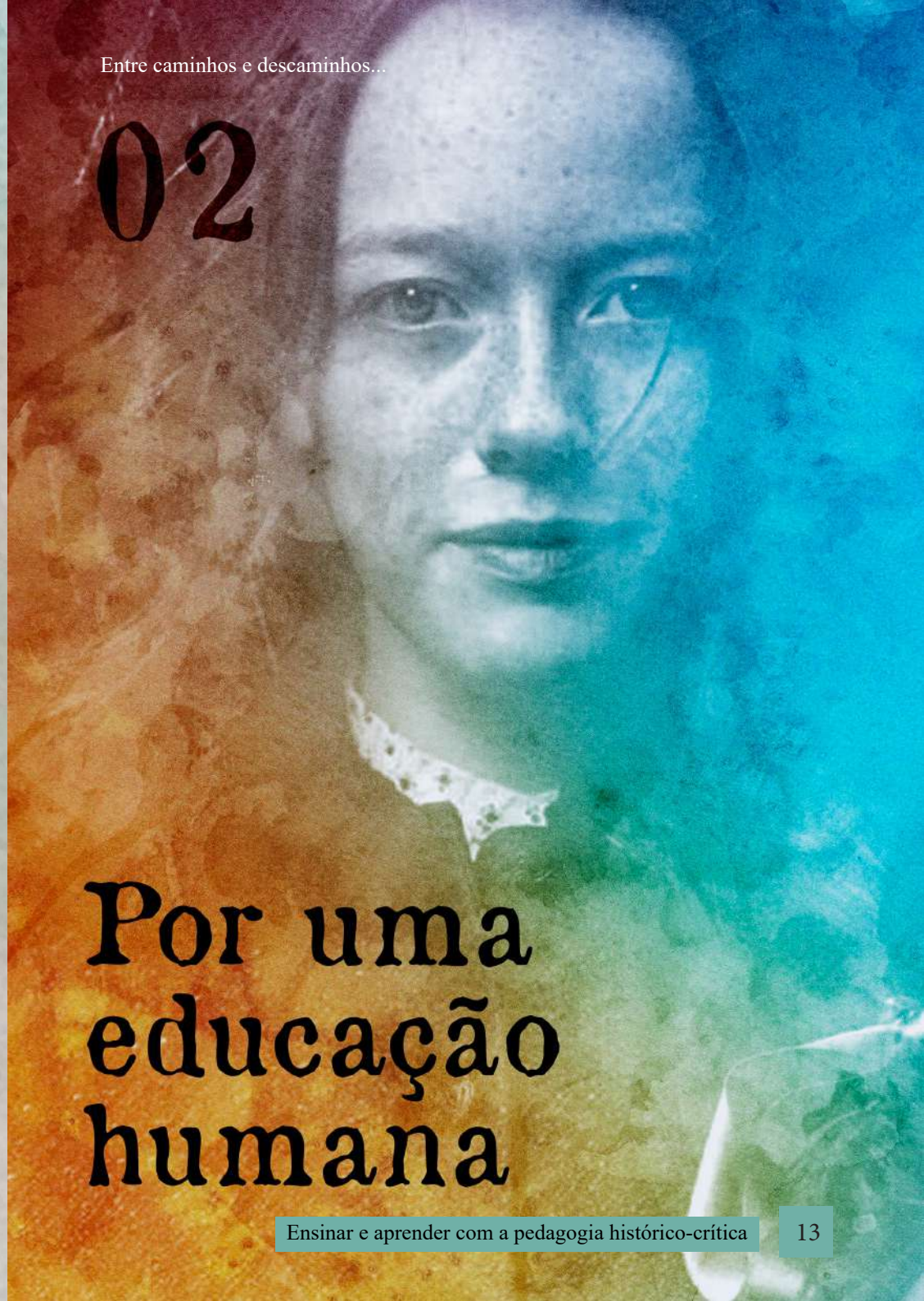
INTRODUÇÃO

Este plano de ensino é resultado do projeto de pesquisa desenvolvido no mestrado em Ensino Linguagem e Sociedade da Universidade do Estado da Bahia – Campus VI, no qual pesquisei a temática "Trabalho e formação humana omnilateral em espaços educativos não formais: a educação nos movimentos sociais" objetivando analisar como ocorrem os processos educativos em espaços de educação não formal vinculados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caetité-BA (STRC), considerando a relação existente entre trabalho, formação humana e as possibilidades da pedagogia histórico-crítica para a formação humana omnilateral.

Para atingir tal objetivo, além das leituras e consultas bibliográficas, trabalhei com cartas recebidas de trabalhadores rurais e membros do movimento social pesquisado. Essas correspondências me permitiram enxergar a opinião dos remetentes a respeito da escola, dos espaços educativos formais e não formais e de como eles influenciam a vida do trabalhador rural em seu cotidiano. Eles destacam em muitas passagens de seus escritos a necessidade de espaços educativos que considerem a realidade do campo, pois muitas vezes se veem ou veem seus filhos inseridos em um ensino que não condiz com a materialidade de sua existência rural.

O presente plano de ensino foi idealizado durante a escrita da dissertação de mestrado, pois a leitura das cartas deixou evidente a possibilidade de colocar em pauta, e de forma acessível, as ideias e necessidades dos trabalhadores rurais a respeito dos processos educativos dos quais fizeram ou fazem parte. Nesse sentido, o material objetiva contribuir com um plano de ensino na perspectiva da pedagogia histórico-crítica e da omnilateralidade para que os espaços educativos, formais e não formais, consigam pensar e desenvolver uma educação mais humana voltada para as especificidades do ser, do seu lugar e de sua realidade.

Assim, a construção do plano de ensino se baseia no meio rural, na importância da escola do campo e de como os espaços educativos podem organizar suas metodologias de ensino a fim de possibilitar a valorização do meio rural enquanto lugar de vida, trabalho e formação humana. De maneira geral, o material traz algumas reflexões a respeito da pedagogia histórico-crítica discutida por Dermeval Saviani (1999) e como ela pode ser interligada ao pensamento omnilateral de Marx (2010) e de maneira mais especifica, traz a sua aplicação em assuntos que interessam à realidade camponesa, além de um guia que permite a adaptação de variados conteúdos e temas.



02

Por uma educação humana

Se quisermos pensar em uma educação humana é preciso entender que ela deve ser organizada para o homem e não para o sistema. É assim que o filme Capitão Fantástico de 2016 nos apresenta uma realidade alternativa, dentro dos parâmetros e costumes da contemporaneidade, e uma perspectiva omnilateral, visando o desenvolvimento de diversas dimensões humanas e não apenas a aprendizagem curricular. Morar em uma floresta, educar os filhos com base no que esse ambiente permite e mesmo assim possibilitar o acesso aos conhecimentos construídos historicamente deixa os espectadores intrigados e até mesmo com sentimento de incompletude, pois os personagens demonstram que aprender com e para a realidade é mais proveitoso do que os conteúdos programáticos estudados nas escolas formais.

Anne de Avonlea (MONTGOMERY, 2020), levava seus alunos para passear nas redondezas da escola, promovia piqueniques e solicitava que lhes escrevessem cartas contando histórias sobre aquilo que observavam em Avonlea e a partir disso a jovem professora conseguia identificar e conhecer questões introspectivas dos estudantes. Anne era uma professora a frente de seu tempo, assim como a família em Capitão Fantástico pensa para além da realidade burguesa de nossa época. Modificar formas de aprendizado, ensino e compreensão da realidade, tendo como foco o ser humano, suas necessidades e possibilidades é materializar uma educação para além do capital.

Se observarmos a nossa realidade atual, frente ao caos gerado pela pandemia da COVID-19 desde março de 2020, pensar estratégias para a educação torna-se um desafio ainda maior, pois além dos proble-

mas há muito tempo conhecidos agora temos que lidar com os reflexos de um ano sem aulas presenciais e com o perigo iminente de um vírus que vem destruindo vidas. Os espaços de educação não formal também foram afetados com a pandemia, pois os encontros, as reuniões e discussões promovidas pelos movimentos sociais não puderam mais acontecer de forma presencial. E foi assim, que o STRC agiu e vem agindo durante todos os meses de pandemia e distanciamento social.

Nessa perspectiva, é cada vez mais urgente que os espaços educativos estejam dispostos a pensar e colocar em exercício uma educação humana, que considere a necessidade de uma formação humana completa, omnilateral, por meio do estudo da realidade, da prática social daqueles que compõem o processo de ensino e aprendizagem. Assim, o produto propõe um plano de ensino baseado no real, em que os conhecimentos construídos historicamente pela humanidade são discutidos por meio do concreto e da materialidade social, sem desconsiderar o trabalho, enquanto categoria eminentemente humana, evidenciando-o dentro dos espaços educativos, pois o trabalho forma o homem ao mesmo tempo em que ele

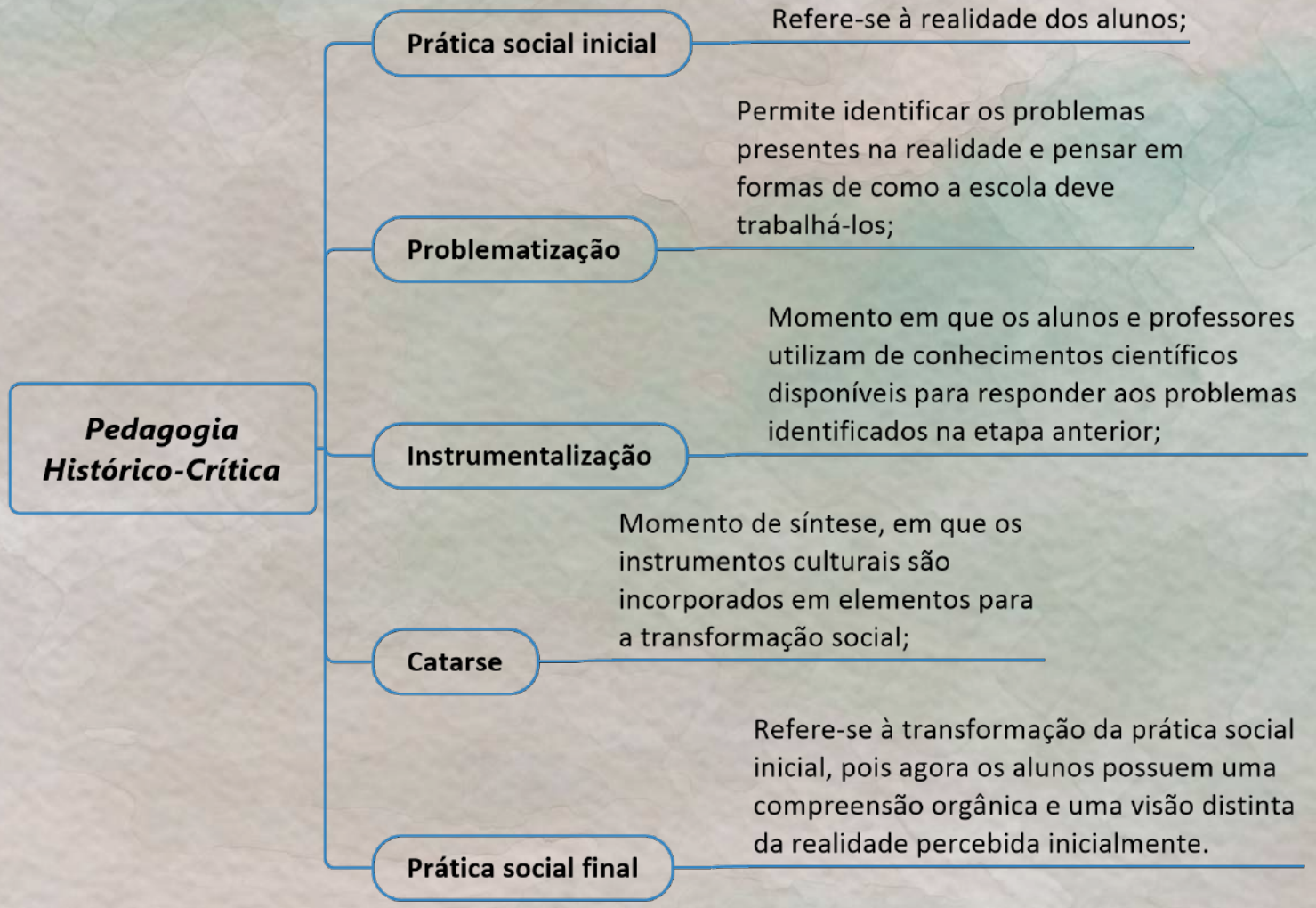
> “Modificar formas de aprendizado, ensino e compreensão da realidade, tendo como foco o ser humano, suas necessidades e possibilidades é materializar uma educação para além do capital”

aprende, educa e promove a formação de outros homens.

Não podemos falar em educação sem compreender que o ato educativo também é trabalho, da mesma forma que não podemos falar de trabalho sem entender que o ato de trabalhar também é educativo. Vivemos em uma sociedade em que trabalho tornou-se sinônimo de emprego e tem como resultado o salário, ou seja, uma realidade movida pela alienação e desumanização, em que o homem não se enxerga como parte de seu próprio trabalho. É neste sentido que precisamos fazer com que os espaços educativos tenham como objetivo a formação do ser social consciente de sua realidade, de seu lugar e de sua materialidade.

De acordo com Saviani (2014, p. 30) “[...] a educação é entendida como uma mediação no interior da prática social [...]”, isso porque ela é o ponto de partida e o ponto de chegada da educação, sendo assim, é necessário conhecer a realidade dos alunos e fazer com que as práticas pedagógicas sejam eficazes na compreensão, resolução de problemas e transformação da realidade social.

Para atingir essa mediação, o presente plano de ensino se baseia na pedagogia histórico-crítica como uma forma de chegarmos a uma educação que se aproxime da omnilateralidade.
A pedagogia histórico-crítica se organiza a partir das seguintes etapas (SAVIANI, 2014):



A pedagogia histórico-crítica não desconsidera os conhecimentos universalmente e historicamente concebidos pelo homem, ela propõe uma nova forma de estudá-los por meio da prática social. Assim, considerando sua perspectiva histórico-social, é possível utilizá-la nos espaços educativos não formais, pois ela se relaciona com a organização dos movimentos sociais que se preocupam em possibilitar a formação de pessoas para a compreen-

são da sociedade da qual fazem parte, para pensar e agir coletivamente na sua transformação. Tal afirmação corrobora com Gohn (2006), quando a autora diz que a educação não formal é um processo com várias dimensões, entre as quais podemos citar a aprendizagem política, práticas para a organização comunitária, resolução de problemas coletivos, compreensão da realidade, leitura e percepção do mundo por meio das relações sociais.

Para Marx (2010), as relações humanas com o mundo são apropriadas pelo homem de forma omnilateral, isto é, seus sentimentos individuais, coletivos e as sensações proporcionadas pelos órgãos dos sentidos são imediatamente aspectos omnilaterais. Nesse sentido, as nossas histórias, nossas realidades e nossas lutas precisam ser levadas em consideração nos processos e espaços educativos, pois devemos compreender o homem enquanto um ser omnilateral, que possui diversas dimensões de cunho individual e coletivo, considerando-o ativo na construção de sua própria história e no conhecimento de sua realidade, culminando com uma educação que tenha como base o ser e não o sistema.

03

As cartas e suas histórias

Para discutir a respeito das experiências educativas dos trabalhadores rurais e membros do STRC, e diante da impossibilidade de estabelecer contato com essas pessoas por causa da pandemia da COVID-19, estabelecemos nosso diálogo por meio de cartas. Essas correspondências contam histórias, sonhos e materializam a possibilidade dos remetentes em expressar ideias e suas percepções a respeito dos espaços educativos dos quais fizeram e fazem parte.

As cartas são como espelhos que refletem as necessidades de cada remetente, de cada ser humano que se apresenta por meio de palavras escritas, demonstrando que é possível pensar em uma educação voltada para suas realidades e que por meio da luta também é possível materializá-la. Em seus escritos, os membros do STRC, falaram mais de educação e humanidade do qualquer livro didático com teorias e fórmulas já possibilitou discutir, e é por isso que o presente plano se propõe a desenvolver um ensino voltado para o ser humano e sua prática social real.

O fluxo de cartas foi iniciado com o envio de cópias de uma carta de minha autoria ao STRC, as quais foram distribuídas aos coordenadores sindicais e posteriormente aos trabalhadores rurais. Essa carta conta a respeito de minha história, enquanto filha de trabalhadores rurais, pesquisadora e aprendiz de professora, instigando os destinatários a contarem suas próprias histórias, focando em aspectos relacionados ao seu lugar, sua realidade e os espaços educativos dos quais fizeram ou fazem parte.

De maneira geral, é possível entrelaçar as histórias contadas em cada carta que recebi e recontá-las aqui de forma que possamos compreender as necessidades advindas da realidade dos remetentes. Nesse sentido, as cartas contam a história de pessoas, que nasceram, vivem no meio rural e trabalham na agricultura; de pessoas que nasceram no meio rural e se mudaram para a cidade; e de pessoas que nasceram no meio rural, se mudaram para a cidade e continuam tendo vínculos com suas origens.

Existe uma ligação entre todas essas pessoas, que vai além da origem rural e de permanecer ou não no campo, que é a conexão estabelecida pela educação.

A escola para esses seres humanos se constitui em um elemento de fraqueza, necessidade, sonhos,

possibilidades, permanência ou desistência, ao mesmo tempo em que os espaços educativos não formais não deixam de ser também uma alternativa, mas se materializam como possibilidade, luta e, em diversos casos, a única referência acessível em educação. Uma menina que sai de sua casa no campo e vai morar na cidade para estudar, um menino que não teve acesso à escola, uma mulher que voltou a estudar depois de muito tempo fora da escola, um jovem que estuda em uma escola agrícola, uma jovem que teve que escolher entre estudar e cuidar dos filhos, uma mãe feliz por seus filhos participarem dos projetos do STRC, um pai feliz por seus filhos terem se tornado técnicos em agropecuária, uma jovem contente por ter dado aula na escola em que estudou, uma mulher defendendo a importância da escola no campo.

Além disso, muitos remetentes deixaram explícito em seus escritos temas e conteúdos que gostariam que fossem trabalhados nos espaços educativos presentes em seus lugares de vivência. Para eles, é muito importante, dar ênfase à realidade em que os integrantes desses espaços se inserem, como podemos observar nos trechos abaixo.

> *"[...] O que nós queríamos que essas escolas ensinassem e ao mesmo tempo reforçassem a nossas crianças e adolescentes sobre o meio em que vivem, sobre as nossas culturas, nossas tradições e a importância da Agricultura Familiar na mesa dos brasileiros, exemplo que temos são Escolas Agrícolas apesar de não ser 100% mas é um diferencial para as crianças e jovens residentes e filhos da zona rural [...]."*

"[...] O que me preocupa muito é a juventude rural, que infelizmente ainda continua escutando essas palavras errôneas, que de certa forma coloca o jovem para pensar se realmente quer continuar ali junto com seus pais, é preciso as escolas trabalharem conteúdos que incentiva a juventude a permanecer e dar continuidade a agricultura familiar, responsável por 70% dos alimentos que são colocados na vida dos brasileiros. Dentre os conteúdos, sugeria a importância da zona rural, a agricultura orgânica, a sucessão rural, as diversas formas de trabalhar e conseguir uma renda boa dentro da própria propriedade, criação de galinhas, enfim há inúmeros conteúdos possíveis [...]."

"[...] As escolas desde o primário nos ensina sobre maneiras de sobreviver na cidade, trabalhar nas grandes metrópoles e culturas como o Agronegócio e as indústrias, e quase nunca se fala da Agricultura Familiar que é de onde sai o sustento da população. Com meu engajamento no Sindicato, comecei a ver a realidade do mundo e lutar pela permanência no campo, cultivando nossos próprios alimentos e sem uso de agrotóxicos. Meu filho ainda é pequeno, mas ele sempre fala do trabalho no campo e a permanência nele. O Sindicato sempre aborda assuntos sobre a permanência no campo e as formas de sobreviver no campo, dando apoio aos agricultores e assistência. Já as escolas deveriam abranger mais esses assuntos sobre o meio rural [...]."

"[···] Hoje tenho duas filhas, estudam na escola EFAP, que também fazem conhecer a importância e conhecimento de conviver As minhas filhas por enquanto permanecem comigo na zona rural está terminando o estudos, na minha opinião, na escola em que estudei precisava falar um pouco mais sobre agricultura para ter mais conhecimento e saber conviver com o semiárido brasileiro mas só depois que entrei no STRC que pode ter mais conhecimento sobre o valor dos trabalhadores e a convivência na área rural [···]."

É por meio da compreensão da necessidade de uma educação voltada para o homem real e para a realidade camponesa, que esse plano de ensino visa contribuir para que os espaços educativos tenham acesso a um material pensado e produzido de acordo com a prática social dos seres humanos que compõem o processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que eles sintam-se representados e consigam interpretar o mundo que os rodeia.

Os trechos das cartas são exemplos de como o lugar das pessoas que frequentam a escola não é a base para determinação de conteúdos. As necessidades expressas nesses escritos demonstram que precisamos fazer com que os espaços de educação sejam condizentes com o ser, o estar e o sentir, proporcionando ao estudante, homem em formação, o estudo do seu lugar e de sua vida, afinal de contas, antes de qualquer coisa precisamos entender o que significa ser humano em um sistema de exploração, coisificação e alienação. Somente após esse entendimento, poderemos nos posicionar na contramão dessa estrutura desumanizante.

"[...]Precisamos fazer com que os espaços de educação sejam condizentes com o ser, o estar e o sentir [...]

04

Pedagogia histórico-crítica: Como utilizar?

A pedagogia histórico-crítica, proposta por Dermeval Saviani, surge como uma resposta às tendências tradicionais e crítico-reprodutivistas do currículo, pois enquanto elas são centradas no tecnicismo e no estudo da escola como aparelho ideológico do estado, a pedagogia histórico-crítica possui os direcionamentos crítico, histórico e pedagógico para conseguir ir além do tradicionalismo e das discussões superficiais que não conseguem se materializar.

Saviani (2013, p. 69) faz o seguinte questionamento: "[...] como a população pode ter acesso às formas de saber sistematizado de modo que expressem de forma elaborada os seus interesses, os interesses populares?". A resposta é simples: através da educação, a qual precisa relacionar as necessidades da população com o saber sistematizado. Assim, a realidade do ser constitui-se na prática social inicial, que depois de interpretada e problematizada chega até a prática social final, em que o saber científico e os conhecimentos elaborados pela humanidade podem ser utilizados para a transformação social, dando resposta aos problemas identificados inicialmente.

Nessa perspectiva, a pedagogia histórico-crítica por ter um contexto histórico e crítico, é uma metodologia que considera o ser humano enquanto elemento principal para a construção de uma educação que se materializa de acordo com o ser social e humano, que possui necessidades e aptidões de acordo com o lugar em que se insere. Assim, temos nessa vertente do currículo uma possibilidade para, mesmo que de forma tênue, pensar uma educação omnilateral.

As cartas, como podem ser observadas nos trechos citados anteriormente, falam sobre a necessidade de que os espaços educativos discutam a respeito da agricultura, da agricultura de base familiar, objetivando fazer com que a população camponesa que frequenta esses espaços sinta-se representada e tenha acesso a conhecimentos que possibilitem sua permanência no meio rural. Assim, os diagramas seguintes permitem pensar, planejar e adaptar conteúdos de acordo com as necessidades suscitadas pelas cartas, permitindo também utilizá-los com outras temáticas de acordo com os objetivos e pretensões das mais variadas realidades/totalidades presentes nos espaços educativos formais e não formais.

Entre caminhos e descaminhos...

Pedagogia histórico-crítica na construção do plano de ensino

1

Prática social inicial
Cartas

Por meio das cartas foi possível conhecer a realidade dos trabalhadores rurais e membros do STRC no que diz respeito ao trabalho na agricultura e suas experiências em espaços educativos formais e não formais

2

Problematização
Conteúdo das cartas

Por meio dos conteúdos das cartas, dos relatos e histórias contadas foi possível identificar os problemas apresentados a respeito da escola formal, por exemplo, dificuldade de acesso, falta de adaptação dos conteúdos à realidade camponesa.

3

Instrumentalização
Plano de ensino

Através dos problemas identificados e da utilização dos conhecimentos a respeito da pedagogia histórico-crítica e omnilateralidade foi possível estruturar um plano de ensino que serve como direcionamento para a adoção de uma metodologia baseada no lugar e na realidade de onde o espaço educativo se insere.

4

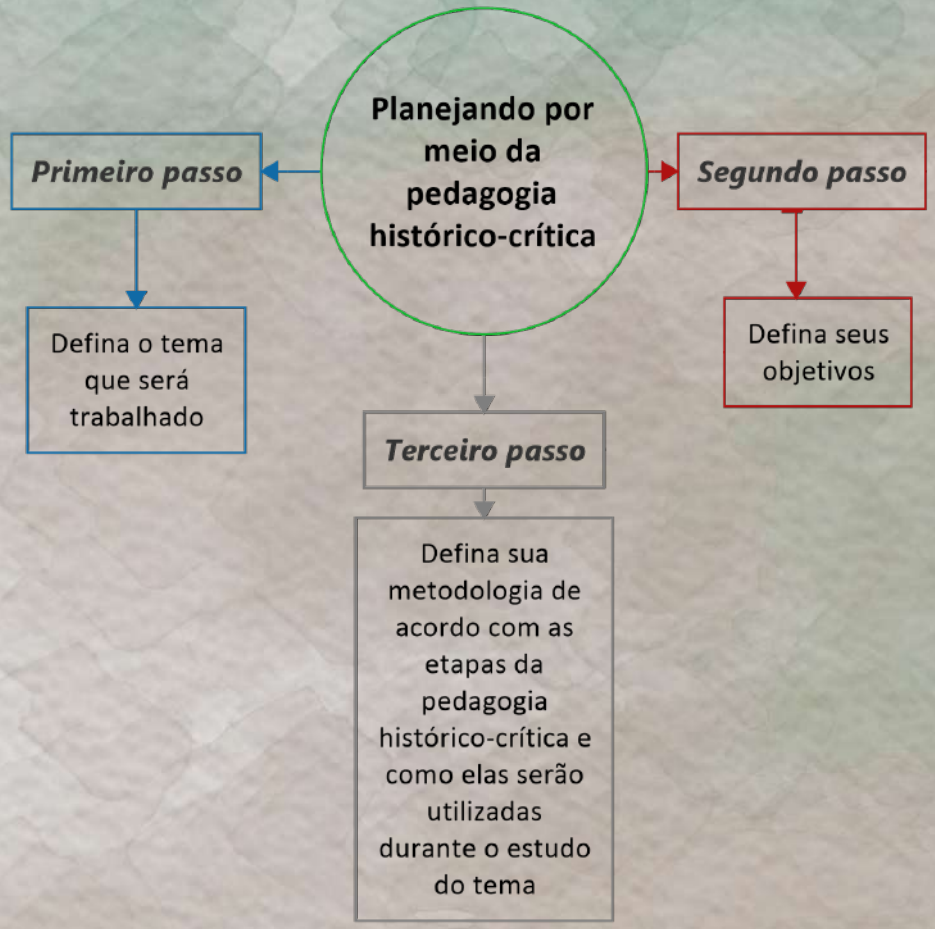
Catarse

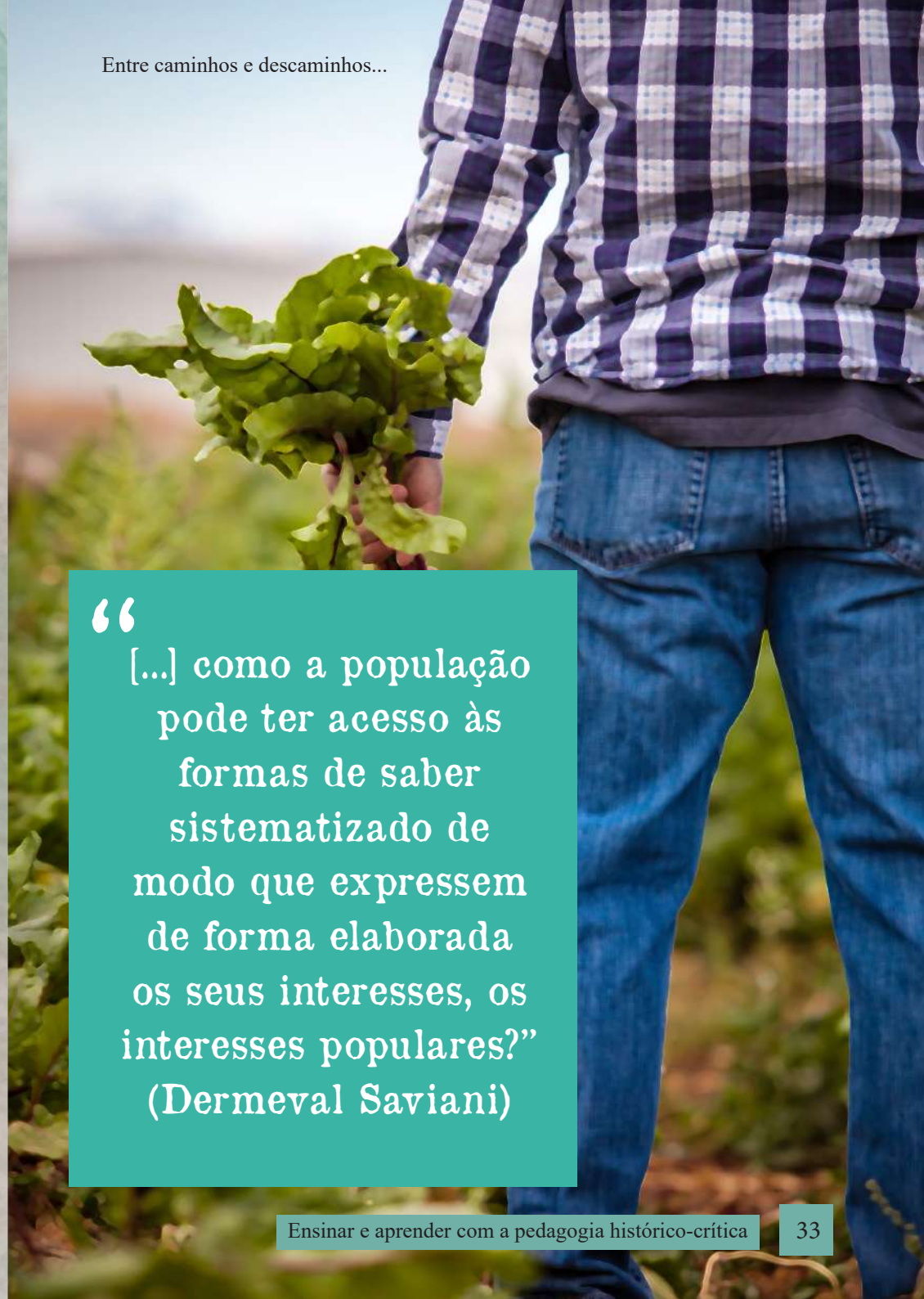
Momento de síntese em que o plano de ensino será utilizado nos processos educativos

5

Prática social final

Refere-se à análise da realidade apresentada inicialmente, em que será avaliada a utilidade do plano de ensino e como ele interferiu na resolução dos problemas destacados.





> “[...] como a população pode ter acesso às formas de saber sistematizado de modo que expressem de forma elaborada os seus interesses, os interesses populares?” (Dermeval Saviani)

Entre caminhos e descaminhos...

Desenhando as etapas

1

O professor ou mediador procura relacionar o tema escolhido com a realidade do público alvo, conhecendo os integrantes do espaço educativo.

2

Coletivamente, professor e aluno, mediadores e participantes, apontam problemas, dificuldades encontradas na realidade de acordo com o tema discutido.

3

Relacionando a realidade com os conhecimentos construídos historicamente, os integrantes do espaço educativo procuram por soluções para os problemas identificados na etapa anterior.

4

O momento em que todos os integrantes do espaço educativo sintetizam o aprendizado adquirido nas etapas anteriores, ou seja, sistematizam as soluções encontradas e discussões realizadas.

5

Nesse momento, os sujeitos envolvidos na prática educativa conseguem analisar e perceber sua realidade de outra forma, pois possuem soluções sistematizadas para aplicar na sua transformação.

Legenda

1 Prática social inicial

2 Problematização

3 Instrumentalização

4 Catarse

5 Prática social final

Nas cartas, os trabalhadores rurais e membros do STRC citaram diversas vezes a agricultura familiar como um tema necessário dentro dos espaços educativos. Nesse sentido o diagrama a seguir baseia-se nessa temática.

Entre caminhos e descaminhos...

AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA [1]

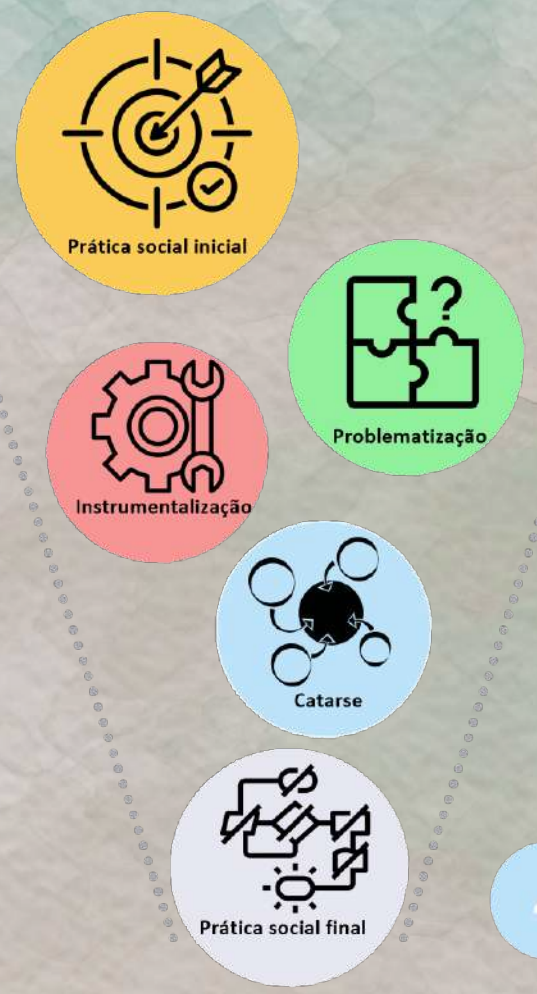
METODOLOGIA

OBJETIVOS	PRÁTICA SOCIAL INICIAL	PROBLEMATIZAÇÃO	INSTRUMENTALIZAÇÃO	CATARSE	PRÁTICA SOCIAL FINAL
- Compreender a importância da agricultura familiar camponesa para a vida dos brasileiros; - Identificar problemas relacionados à agricultura na realidade do lugar em que o espaço educativo se insere; - Discutir e procurar soluções viáveis para a transformação dessa realidade.	- Abordagem inicial do tema por meio de um vídeo ou texto sobre a agricultura familiar camponesa; - Discussão a respeito do vídeo ou texto, explorando os conhecimentos prévios dos participantes do espaço educativo; - Identificação dos aspectos da agricultura familiar camponesa no lugar em que o espaço educativo está inserido.	- Dividir os participantes em grupos e solicitar que identifiquem problemas a respeito da agricultura familiar camponesa no lugar onde vivem de acordo com as seguintes vertentes: ambiental, social, econômica, política e histórica; - Em seguida discutir os fatores relacionados a cada problema identificado, fazendo com que os participantes percebam que as vertentes se correlacionam e possuem pontos em comum.	- Após identificar os problemas, os participantes irão procurar formas de solucioná-los por meio de pesquisas em livros, sites, revistas ou outros materiais acessíveis. Se a realidade em que o espaço educativo se insere não dispor de internet, por exemplo, cabe ao mediador organizar meios de fazer com que os conhecimentos científicos cheguem até os seres humanos presentes nesse espaço; - Fazer com que os participantes do espaço educativo consigam encontrar soluções para os problemas identificados em sua realidade, por exemplo, identificou-se grande dificuldade para o manejo do solo no semiárido e como soluções foram encontradas técnicas como a cobertura morta do solo.	- Os participantes do espaço educativo irão sistematizar os conhecimentos adquiridos nas etapas de problematização e instrumentalização, apresentando-os para discussão; - Essa apresentação pode ser por meio de cartazes, de produções textuais ou debates, por exemplo.	- Essa etapa pode apresentar-se como uma discussão dentro do espaço educativo, na qual os participantes irão especificar como poderão transformar suas realidades através dos conhecimentos adquiridos ou pode ocorrer diretamente na realidade, ou seja, os participantes irão aplicar as soluções encontradas em sua realidade.

1 "Camponês e agricultor familiar [e trabalhador rural] são termos utilizados neste trabalho de forma similar e indissociável, a fim de enfatizar a existência de um campesinato na contemporaneidade da sociedade brasileira. Nesse sentido, a categoria analítica adotada – agricultura familiar camponesa - expressa o reconhecimento da permanência de "lógicas camponesas" que estão combinadas a uma diversidade de estratégias socioprodutivas de caráter familiar na agricultura. Lógicas de resistência e estratégias de reprodução social que combinam produção mercantil com produção para o autoconsumo, e cujos resultados estão voltados para a construção/reprodução do patrimônio familiar." (RIBEIRO; SALAMONI, 2011, p. 215).

Observem que o professor ou mediador em momento algum impõe conhecimento, pelo contrário ele media a construção do conhecimento, apresentando os pontos iniciais, os caminhos que os participantes do processo educativo podem percorrer para solucionar seus problemas. Assim, o ensino se materializa como possibilidade de interpretação, compreensão e transformação da realidade.

O diagrama a seguir traz perguntas que podem ser utilizadas durante o planejamento de um espaço educativo utilizando a pedagogia histórico-crítica. É importante ressaltar que essa metodologia não é imposição, ou seja, pode ser adaptada, transformada e utilizada de acordo com cada lugar e com cada experiência, pois a pedagogia histórico-crítica é construção.



1

Qual a realidade das pessoas que frequentam esse espaço educativo?

Quais perguntas posso fazer para essas pessoas a fim de relacionar suas vivências com o tema de estudo proposto?

2

Como esse aspecto influencia na realidade das pessoas que frequentam o espaço educativo?

Como esse acontecimento dificulta o trabalho dessas pessoas?

Como esse acontecimento é experienciado nesse lugar?

3

Quais conhecimentos científicos podem ser utilizados para resolver os problemas encontrados durante a problematização?

Quais meios de pesquisa podem ser levados até os participantes dos espaços educativos?

4

Como os participantes dos espaços educativos podem sintetizar os conhecimentos adquiridos?

Como podem expressar suas opiniões sobre o que aprenderam a respeito do seu lugar e sua realidade?

5

Os conhecimentos adquiridos poderão ser utilizados para a transformação da realidade percebida na primeira etapa?

Depois de tantas perguntas, mais um questionamento: E a omnilateralidade? Ela se encontra na consciência de que o homem aprende, ensina, fala, escuta, decide, pesquisa, lê, discute, age, opina, problematiza, instrumentaliza, critica, historiciza, sintetiza e percebe-se capaz de interferir em seu meio, fazendo com que as soluções encontradas nãos se esvaeçam no âmbito dos escritos e das ideias que não se concretizam.

Considerações Finais

A finalidade desse plano de ensino não é impor uma metodologia ou uma forma de ensinar, muito pelo contrário, sua finalidade é fazer com que tenhamos em mente a necessidade de escutar as pessoas que fazem parte dos espaços educativos, sejam eles formais ou não formais, pois, assim, poderemos contribuir para a existência de uma educação humana, que acredita nas possibilidades que o homem tem de transformar o mundo a sua volta por meio de sua história, do trabalho e do aprendizado que compartilha através da educação.

Compreendemos que a pedagogia histórico-crítica está em constante construção, ou seja, não está pronta e acabada, assim como nós humanos não estamos prontos e necessitamos de autorreflexão a respeito do nosso ser e estar em sociedade. Dessa forma, a educação precisa ser pensada por seres humanos e destinada a seres humanos, os quais não possuem as mesmas ideias, nem a mesma realidade e só se sentirão parte de um processo educativo quanto tiverem sua realidade debatida e estudada, quando perceberem que esses espaços podem ir muito além da abstração, se materializando em um lugar em que o homem ensine e aprenda.

Assim, a proposta aqui apresentada pode ser utilizada como um exemplo simples de como adaptar conteúdos à realidade de onde os espaços educativos se inserem, demonstrando que é possível ensinar sem impor conhecimentos e proporcionando aos participantes desses espaços a possibilidade de aprender e ensinar ao mesmo tempo, através da construção coletiva de saberes para a interpretação da sociedade e do lugar do qual fazemos parte.

Referências

CAPTAIN FANTASTIC. Direção de Matt Ross. Estados Unidos da América: Universal Pictures, 2016. (118 min.).

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol.públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405/ >. Acesso em: 10 out. 2020.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. Tradução, apresentação e notas: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. Tradução Isa Tavares. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MONTGOMERY, Lucy Maud. Anne de Avonlea. Tradução Rafael Bonaldi. Jandira: Ciranda Cultural, 2020.

RIBEIRO, Veridiana Soares; SALAMONI, Giancarla. A territorialização camponesa no Assentamento 24 de Novembro – Capão do Leão – RS. Campo-Território: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 6, n. 11, p. 194-217, fev. 2011. Acesso em: 13 jun. 2021.

SAVIANI, Dermeval. A pedagogia histórico-crítica. Revista RBBA, Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 11-36, 2014. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/1405/1214>. Acesso em: 30 mar. 2020.

_____. Escola e democracia. Campinas: Autores Associados, 1999.

_____. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11 ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

Fontes das imagens - Banco de imagens Unsplash

POR UMA EDUCAÇÃO MAIS HUMANA, VOLTADA PARA AS ESPECIFICIDADES DO SER, DO SEU LUGAR E DE SUA REALIDADE.